

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

ANDREA CAROLINE DA SILVA

RECURSOS DIDÁTICOS E AS TECNOLOGIAS ESTIMULANDO À LEITURA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA
2015**

ANDREA CAROLINE DA SILVA

RECURSOS DIDÁTICOS E AS TECNOLOGIAS ESTIMULANDO À LEITURA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Prof. Leandro Zago

CURITIBA
2015



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO: Andrea Caroline da Silva

Polo: Polo Treze Tílias

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

Recursos didáticos e as novas tecnologias: estimulando à leitura.

Esta monografia foi apresentada às **9:00:00 AM h** do dia **11/14/2015** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, **Campus Curitiba**. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

1		Aprovado
2	x	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador.
3		Reprovado

Professor Leandro Zago

UTFPR – PR

(orientador)

Professor Márcio Matiassi Cantarin

UTFPR – PR

Professora Alice Atsuko Matsuda

UTFPR – PR

OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.

RESUMO

SILVA, Andrea Caroline da. **Recursos didáticos e as tecnologias estimulando à leitura**. Curitiba, 2015. 23 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

O presente trabalho tem como função apresentar o uso dos recursos didáticos e as novas tecnologias em sala de aula. Inicialmente apresentando os desafios envolvidos a essa prática, e em seguida a importância do ato de ler na formação de cidadãos críticos, relacionando com as tecnologias utilizadas em muitas escolas. O foco principal está no professor, que desempenha papel crucial em mediar o processo de leitura por meio do uso dos recursos. A pesquisa teve como principal objeto de análise o trabalho de duas professoras no quesito leitura, conhecendo também a realidade das escolas em que as mesmas trabalham. Estas foram questionadas sobre como abordam a leitura, quais atividades realizam, como utilizam recursos tecnológicos e se fazem-no, quais recursos existem em suas escolas, se funcionam adequadamente, e quais desafios as profissionais já tiveram quando o assunto é trabalhar a leitura em sala de aula. Mostrando que ao se seguir alguns pontos importantes, a inserção das novas tecnologias pode ser um grande sucesso.

Palavras-chaves: Leitura, Novas tecnologias, Mediação, Incentivo à leitura, Material didático.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 DESAFIO DA LEITURA	7
2.1 INCENTIVAR A LEITURA: UM DESAFIO A SER SUPERADO	7
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
4 METODOLOGIA	13
5 AS ESCOLAS	14
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	15
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS	21
ANEXO: QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS ENTREVISTADAS	22

1 INTRODUÇÃO

As tecnologias, computadores, tablets, celulares, ipod, ipad, já evidentes na sociedade, afetam profundamente a educação. Não dá para negar que, na atualidade, muita coisa mudou, e as deixar de lado é algo que não é mais possível. Ao se pensar no que virá pela frente, imaginamos muita tecnologia e modernidade. *Tablets*, lousas interativas, *notebooks*, abolição do caderno e da caneta, e além. Hoje as pessoas têm acesso à informação e ao mundo com muito mais rapidez do que antes. Mas daí dizer que o uso das novas tecnologias será ótimo, e garantir que será um sucesso, já é outra coisa. Abolir ou não os recursos didáticos, mesclar ambos, são grandes dúvidas dos profissionais da educação.

Então, a escola para adequar-se a essa realidade, inevitável, precisa ver os limites e traçar estratégias, para abarcar as novas tecnologias. Pois manter-se alienado ao que ocorre, não trará sucesso, pois os educandos precisam ver o ambiente escolar como uma extensão de sua realidade, e não como algo que nunca usarão. Ao depararmos com essa imensidão que a *web* ganhou na vida das pessoas, conseguir reuni-la à escola é algo excelente e desafiador.

Alguns desafios estão relacionados com a formação dos professores, pois alguns profissionais estão há anos na ocupação e não se vêem utilizando recursos tecnológicos, como uma lousa interativa, sua estratégia de ensino funda-se somente no livro, caderno. Outro desafio é o investimento necessário, pois são equipamentos caros que demandam alto custo na manutenção. A internet, por exemplo, precisa ser de alta velocidade para dar suporte a toda escola; computadores: precisam ser de qualidade para não haver prejuízo e problemas em sua utilização; a lousa interativa: equipamento com alto custo, na aquisição e também em sua manutenção, que demanda, além disso, preparo do profissional, um computador de qualidade, manutenção constante e se caso falte energia elétrica, há que se ter algo planejado. Então a escola não pode abrir mão do quadro branco, não agindo de maneira radical, pois caso isso ocorra, poderá haver problemas, como é o caso das máquinas, queda de energia, e se não houver alternativa, a aula pode tornar-se um desastre, ou seja, tanto professor quanto a escola precisam estar preparados para tais empecilhos.

Há que se aliarem os novos usos com as velhas metodologias de ensino, um deve complementar a outro. A escola dos dias atuais precisa mudar, atualizar-se, adaptar-se para essa nova realidade, para tê-la como um ponto a favor e não serem manipulados por ela. O

papel dos professores precisa mudar também, iniciando com os cursos universitários que precisam investir na formação de profissionais, para os mesmos estarem preparados para manusear as novas tecnologias, e, por conseguinte levar os alunos a usarem da melhor forma, conseguindo tirar proveito, ou seja, que não haja tecnologia de ponta e professores não capacitados para o uso, pois os alunos sabem e conhecem as novas tecnologias, mas infelizmente sua grande maioria, não as usa proficuamente, gastando seu tempo em meio a jogos, redes sociais, e demais novidades do seu mundo. Se conseguirmos unir a facilidade dos jovens para aprenderem as novidades tecnológicas e a escola, o sucesso escolar ficará facilitado, pois com essa postura, aluno/professor, serão muito mais próximos, e o educando irá reconhecer o que vive, sentindo-se mais motivado para os estudos.

Pensar em utilizar um computador por aluno, um *tablet*, celular, parece um sonho extremamente distante para algumas realidades brasileiras porque algumas não possuem sequer a estrutura básica necessária para abrigar os alunos. Dizer que é uma ótima alternativa incluir a modernidade na escola é algo fácil, mas pôr em prática é outra coisa bem diferente. As crianças de muitos lugares, não distantes de nós, sofrem muitas necessidades, falta-lhes comida, roupas, uma casa decente para morar. Então quando olhamos sob essa ótica, parece um erro investir tanto em ótimos equipamentos, mas ficarmos presos ao passado por esse motivo, também não irá adiantar: essas crianças precisam de um lugar em que possam aprender a tornarem-se cidadãos críticos, para assim mudar o meio em que vivem.

2. DESAFIO DA LEITURA

Constantemente ouve-se que ler é muito importante, mas a leitura e tudo que a envolve é algo complicado, que pode seguir em várias direções, diversas interpretações, tendo em vista que se lida com diversos tipos de pessoas, cada qual com suas particularidades. Como aponta Basso *et al*:

[. . .] a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desencadeia em várias direções. É uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos. Longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor (2008, p.4).

Conseguir agir como mediador nesse processo é desafiador, pois a leitura, como mencionado, não é feita de maneira passiva: há que haver trocas entre leitor e mediador, leitor e o texto. O leitor viaja durante sua leitura, procurando significados, a partir do que ele já viveu, dos gostos e anseios de cada um. Basso *et al*: “Ler um texto é pôr em ação todo o conhecimento de mundo. É fazer emergir a biblioteca vivida, a memória de leituras anteriores e de dados culturais” (2008, p. 4). O significado de uma leitura para uma pessoa e outra nunca é igual, pois ninguém é igual, pensa da mesma forma, possui as mesmas vivências e a mesma bagagem de mundo.

2.1 INCENTIVAR A LEITURA: UM DESAFIO A SER SUPERADO

É sabida quão importante a leitura é para a formação de cidadãos críticos, capazes de mudar o meio em que vivem, e várias são as formas de fazê-lo. Para isso, investigaremos como é possível, e se é possível unir as novas tecnologias e os recursos didáticos, entram nesses recursos, livros, cadernos, apostilas, livros de literatura, na busca da formação de cidadãos leitores. Temos disponível, *online*, inúmeras obras, o que facilita o acesso para todos os educandos, mas saber até onde é útil e como estimular os alunos a utilizar a internet de maneira profícua, é um enorme desafio.

Além do que, a grande maioria das escolas está desprovida de recursos, e as que possuem, nem sempre as utilizam da melhor forma. Inserir em um ambiente escolar tanta modernidade¹ dá ou não certo? Até que ponto isso é benéfico? Incluir tão somente as

¹ Um conceito baseado na cultura ocidental, com ênfase nos juízos de valor do senso comum, significando atual e bom, ligado nesse caso a realidade escolar, ou seja, tudo que há de novo como o propósito de auxiliar no ensino, por meio de recursos tecnológicos.

novas tecnologias e pôr de lado os livros, sejam eles didáticos ou não, será uma garantia de sucesso? Todos esses questionamentos devem ser verificados com mais afinco, conhecendo a realidade de outras escolas e de outros professores.

Ao se pensar no incentivo à leitura, e quão importante é para todos ter o hábito de ler, julga-se necessário lançar mão de todas as formas possíveis para alcançar esse objetivo. Profissionais da educação, envolvidos nesse processo, possuem ainda mais o comprometimento em alcançar a todos os educandos quando o quesito é ler, ler por fruição, e não por obrigação. Para isso, podemos usar de recursos variados na busca do sucesso.

Ao trabalhar em uma escola, cuja realidade na questão de leitura é extremamente precária, sinto-me estimulada a procurar novas soluções para diminuir essa defasagem. Os alunos não lêem, não sentem vontade e nunca foram estimulados a esse gosto, e ao chegarem ao 6º ano, torna-se uma tarefa extremamente árdua envolvê-los no mundo literário. Lançar mão de variadas estratégias é algo que precisa ser feito, e incluir as novas tecnologias é um ponto extremamente interessante, mas saber o quanto, como e quando incluí-las é essencial. Essa mesma escola investiu uma grande quantia em novas tecnologias, mas infelizmente não estão sendo utilizadas em sua totalidade, tanto pela falta de capacitação dos professores, como por problemas na manutenção dos equipamentos.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ao se pensar em maneiras de incentivar à leitura, nos vêm inúmeras ideias, e na atualidade tudo parece tender para o que é moderno. Os dias de hoje parecem estar envoltos por tecnologias em todos os lugares e os educandos seguem essa tendência, ou seja, gostam de tudo que é atual e desprezam o que não é. Silva enfatiza esse mesmo ponto:

Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo a exclusão social ou a exclusão da cibercultura (SILVA, *apud* CARNEIRO, 2005).

A tendência é incluir as novas tecnologias ao novo paradigma educacional. Com a nova abordagem sociointeracionista, que prioriza o que os alunos vivenciam fora do ambiente escolar, deixar de lado algo que faz parte de seu cotidiano é um erro. Além da internet, que está constantemente na vida dos educandos, há os meios pelas quais são acessadas, sejam os eletrônicos, ou até mesmo as redes sociais. Vemos diariamente, nas redes sociais, excelentes exemplos de conteúdos que poderiam ajudar nossos estudantes. Vemos também, uma grande quantia de lixo eletrônico, ou de conteúdos inapropriados e de pouca formação ética e moral. Moran alerta:

O estar no virtual não é garantia de qualidade (esse é um problema que dificulta a escolha), mas amplia imensamente as condições de aprender, de acesso, de intercâmbio, de atualização. Tanta informação dá trabalho e nos deixa ansiosos e confusos. Mas é muito melhor do que acontecia antes da Internet, quando só uns poucos privilegiados podiam viajar para o exterior e pesquisar nas grandes bibliotecas especializadas das melhores universidades. Hoje podemos fazer praticamente o mesmo sem sair de casa (MORAN, 2008).

Ao optarmos pela escolha dessas novas tecnologias, nem sempre haverá certeza do sucesso, pois nem sempre todos os profissionais envolvidos estão preparados/capacitados para lidar com elas. Aboli-las por falta de preparo é algo inadmissível para a realidade atual, podendo o ato ser considerado uma espécie de analfabetismo. É sabido que no momento temos acesso a grandes obras mundiais, conhecemos lugares dantes nunca imaginados, lemos obras que são de difícil acesso se não fosse pela internet. A impressão que se tem é a de que o medo, a ansiedade, e a confusão ante o novo podem gerar uma espécie de regressão no aprendizado. A escola na qual trabalho apostou nas novas tecnologias, na tentativa de melhorar o desempenho dos alunos e dos educadores. Mas como aponta Moran, nem sempre isso dará certo:

Frequentemente algumas organizações introduzem computadores, conectam as escolas com a Internet e esperam que só isso melhore os problemas do ensino. Os administradores se frustram ao ver que tanto esforço e dinheiro empastados não se traduzem em mudanças significativas nas aulas e nas atitudes do corpo docente (MORAN, 2008).

Moran adverte que o problema maior está em não se pensar e fazer um planejamento adequado no momento em que são inseridas as novas tecnologias nas escolas: internet, lousa digital, salas informatizadas, entre outros, pois além do investimento ser altíssimo, se não for feito com cautela, poderá ser um desastre. Os administradores de escolas apostam na ideia de que, ao inserir nas escolas as últimas novidades do campo da tecnologia, o sucesso virá como consequência. Fato é que, nem sempre implantar tecnologias diminui os gastos que se teria com a aquisição de livros para a biblioteca e livros didáticos para a sala de aula. Infelizmente não é tão simples assim, pois se faz necessário pensar na capacitação dos docentes (o que também requer recursos de tempo e financeiros), e no material que os educadores irão usar em sala. A utilização das tecnologias pode, por outro lado, dificultar a proximidade que se tem com o aluno, o fato de segurar um livro, ver alguém lendo, sentir-se próximo. É o que aponta Rubem Alves:

[. . .] a cena original: a mãe ou o pai, livro aberto, a ler para o filho... Essa experiência é o aperitivo que ficará para sempre guardado na memória afectiva da criança. Na ausência da mãe ou do pai, a criança olhará para o livro com desejo e inveja. Desejo, porque ela quer experimentar as delícias que estão contidas nas palavras. E inveja, porque ela gostaria de ter o saber do pai e da mãe: eles são aqueles que têm a chave que abre as portas de um mundo maravilhoso! (ALVES, 2004).

O exemplo acima se trata da criança vendo seus pais, mas é claro que isso ocorre também com o professor, pois é visto como um exemplo pelos alunos, alguém em quem irão se espelhar, assim como se espelham em seus pais. E como profissionais da educação, não só podemos como devemos “caprichar” quando o assunto é leitura. Torná-la agradável e prazerosa é com certeza uma dificuldade, mas, depois de alcançada, só haverá ótimos frutos para colher, tanto para o aluno como para o professor. O discente tem em suas mãos uma responsabilidade que é a de proporcionar o desenvolver do gosto pela leitura, pela literatura, pelo mundo das palavras, que são a essência para tudo mais que o aluno venha a fazer em sua vida. A leitura o seguirá em todos os lugares e em todas as profissões escolhidas. Alves aponta:

A leitura é uma droga perigosa: vicia... Se os jovens não gostam de ler, a culpa não é só deles. Foram forçados a aprender tantas coisas sobre os textos – gramática, usos da partícula "se", dígrafos, encontros consonantais, análise sintática – que não houve tempo para serem iniciados na única coisa que importa: a beleza musical do texto (ALVES, 2004).

Essa “droga” só irá viciar o educando se este for bem estimulado, fazendo uso, não somente do moderno, mas também do tradicional, pegando o livro nas mãos, sentindo as páginas, o cheiro, a textura, vendo as imagens. O mesmo pode vir a ocorrer quando na tela do computador, do *tablet*, do celular, do leitor de texto, entre outros, se mostra ao aluno a beleza existente na leitura, e a mágica que se esconde dentro de um livro. Alves ainda utiliza de uma citação de Paul Goodman, que diz:

Nunca ouvi falar de nenhum método para ensinar literatura (humanities) que não acabasse por matá-la. Parece que a sobrevivência do gosto pela literatura tem dependido de milagres aleatórios que são cada vez menos frequentes (GOODMAN, *apud* ALVES).

Como apresenta Goodman, estimular e alcançar o sucesso no incentivo à leitura é uma tarefa extremamente árdua, um milagre. Não há, ao que parece, uma receita do que o professor ou a professora tenha que fazer, mas primeiramente deverá mostrar com paixão o que o fez escolher esta profissão, esse mundo das letras. Apostar no mundo cibernético, pode dar certo, se seguirmos alguns detalhes e algumas preocupações, algumas já elencadas acima. Como aponta Neitzel:

O contato com poesias em meio digital, sejam elas visuais ou eletrônicas, permitem ao leitor construir uma relação frutiva com a literatura, pois sua exploração espacial e imagética ressalta a função estética do poema. No que diz respeito à recepção, ambas exigem o desenvolvimento de habilidades apreciativas, principalmente porque é uma produção que, pela sua natureza semântica aberta, gera grandes sortidos interpretativos (Neitzel, 2013, p. 6).

Novamente entra a questão da fruição, que consiste em levar os alunos a ler por prazer e não somente por obrigação, para que não formemos indivíduos “traumatizados” ao ouvirem falar de livro ou literatura. Temos sites voltados para esse fim, com uma preocupação em envolver os novos leitores no mundo da literatura, mas o exagero da tecnologia pode tornar as demais técnicas exaustivas e “chatas” para os alunos, pois eles sempre irão procurar o extraordinário de uma leitura, e podem achar o livro físico algo “sem graça.” Trabalhar com o moderno é uma tendência como aponta Ferreiro, *apud* Carneiro:

A presença da escrita na tela do computador é hoje um fato universal. A tecnologia da informação e da comunicação está trazendo mudanças importantes não apenas no mercado de trabalho, mas também nas práticas de leitura e escrita (FERREIRO, 2008 apud CARNEIRO, 2005).

Sabe-se que grande parte das profissões existentes hoje exige um mínimo de conhecimento em informática. Na escola verifica-se não ser diferente: os alunos digitam na internet, quase que diariamente, não para o fim da educação, com sua escrita peculiar e sua leitura também, sejam de “coisas boas” como também de “ruins.” Os primeiros passos estão sendo dados, e é de suma importância seguirmos este caminho. Barbosa destaca que:

A construção do conhecimento será coletiva. A escola precisa repensar seu espaço e o professor também, pois, cada vez mais, seu papel é de mediador. Os projetos pedagógicos nasceram quando existia somente o quadro negro e o giz. Acho que as novas tecnologias vão transformar radicalmente a escola, e estamos só no começo dessa revolução².

O professor terá que se adequar a esta nova realidade educacional, o que não será fácil e nem rápido porque requer uma nova concepção de formação docente e de concepção de leitura. A construção será coletiva com educando e educador trabalhando juntos, pois quando a escola colabora, o sucesso em estimular o aluno à leitura tende a ser mais facilmente alcançado.

² Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2013/06/novas-tecnologias-ja-estao-mudando-radicalmente-o-ambiente-escolar.html>> Acesso em 22 de Agosto de 2015.

4. METODOLOGIA

Inicialmente, apresentam-se os desafios envolvidos a essa prática, e em seguida a importância do ato de ler na formação de cidadãos críticos, relacionando com as tecnologias utilizadas em muitas escolas. Em seguida, após o reconhecimento destes recursos, aborda-se algumas maneiras de trabalhá-las em sala, levando em consideração o meio em que os alunos estão inseridos, discutindo se é possível trabalhar com ambos (recursos e abordagens). Após tais considerações teóricas, foi realizada uma análise da realidade das escolas, a fim de se verificar se possuem ou não os materiais necessários, incluindo pessoas capacitadas para sua utilização. Por fim, chegou-se a uma conclusão se tais recursos ajudam no incentivo à leitura e quais são as maneiras de abordá-los.

O método de abordagem teórica no qual se baseia este artigo é o método dialético, que consiste em se observar e estudar determinado fato, pensando que o mesmo está incluído/inserido num contexto social. Nesta abordagem, procura-se, portanto, a opinião de diversos profissionais para assim chegar a uma conclusão condizente com a realidade, e não apenas com uma versão dos fatos. Quanto ao tipo de pesquisa, esta foi norteada pelo método qualitativo, pois nesse método há a relação entre o mundo real e o sujeito pesquisado, importantes para os resultados, pois não há como dissolvê-los. Os sujeitos pesquisados foram professores que atuam, seja em escolas com muita tecnologia ou o oposto a isto. A fim de se conhecer diversas realidades e diversas opiniões a respeito de um mesmo tema, acarretando assim numa maior credibilidade nos resultados, neste trabalho foi feita uma entrevista com coleta de dados.

As entrevistadas foram duas professoras de dois municípios de Santa Catarina, uma do município de Videira, que trabalha em mais de uma escola, e outra da escola Nucleada Jacinta Nunes, no Rio das Antas. A ênfase, porém, será na escola “Joaquim Amarante” (em Videira) na qual a professora trabalha com turmas do 6º, 7º e 8º anos. Ambas responderam a um questionário com perguntas sobre as novas tecnologias existentes nas escolas nas quais trabalham, o sucesso ou ineficácia dessas tecnologias, o uso de materiais didáticos, como são e como são utilizados, além da opinião sobre os mesmos, além de questionar o que sentem faltar nas escolas, e o que acham que poderia ser mudado.

Após ter os dados em mãos, os resultados foram verificados e comparados com as literaturas existentes e confiáveis que abordam esse mesmo assunto, concordando ou discordando dos entrevistados.

5. AS ESCOLAS

A escola Nucleada Municipal “Jacinta Nunes” (Rio das Antas – SC) na qual leciona a professora de quinto ano (doravante denominada P1), possui uma estrutura que enfatiza as novas tecnologias: uma sala de informática, quatro computadores na biblioteca, e cada sala é equipada com um computador, com acesso a internet, uma lousa digital, e um retroprojektor. O material utilizado como suporte pelos alunos é o apostilado. No último ano (2014), a escola adotou um novo material, pois o anterior não proporcionava o suporte que o município desejava, principalmente quanto à disponibilização de materiais eletrônicos. Segundo a professora, a nova apostila possui diversos códigos que, ao serem acessados no site criado para o município, disponibiliza materiais complementares sobre conteúdos abordados, multimídias, que podem ser acessados durante as aulas, ou pelos alunos em casa. A educadora, quando questionada sobre projetos de leitura na escola, diz que: “Projeto não, mas temos que cobrar uma certa quantidade de livros por alunos (livros lidos). Eu costumo pedir resumos e também peço para venham contar a história do livro que pegou. Toda semana eles trocam o livro.”

A escola “Joaquim Amarante” na qual leciona a professora de Língua Portuguesa (P2), possui também uma estrutura, no quesito tecnologias, não tanto quanto a escola da P1, mas há uma sala de informática, e um retroprojektor que pode ser usado pelos educadores em sala. O uso deste deve ser comunicado de maneira antecipada, realizando uma marcação de horário, pois há somente dois para uso dos educandos em sala. As salas desta escola possuem quadros brancos, sendo que em algumas ainda há quadros negros (ou verdes) com o uso de giz. A educadora, quando questionada sobre projetos de leitura na escola esta diz que: “Sim, projetos como *Mostra do Conhecimento*, onde são produzidos trabalhos para serem expostos, incluindo assim a leitura.”

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Sabendo da falta de interesse de nossos alunos no quesito leitura, essa pesquisa teve como objetivo analisar duas realidades distintas: uma de escola que aposta nas novas tecnologias aliando ao uso de material didático apostilado, e outra cuja realidade é o oposto – há as tecnologias, mas não tão evidentes, e o material utilizado é, principalmente, o livro didático.

As duas professoras possuem formação na área de Pedagogia, sendo que a que leciona no 5º ano é pós-graduada em Psicopedagogia, e a outra, professora de Língua Portuguesa, é graduada em Letras-Português e Literatura. Esta pesquisa focou mais na realidade em que está inserida a professora do 5º ano, onde também leciono, justamente pelo fato de não haver outra professora de Língua Portuguesa, e ser na região a escola que oferece a maior gama de tecnologias em sala de aula. Serão, portanto, chamadas assim as professoras: P1: professora de 5º ano e P2: professora de Fundamental II. Ambas professoras responderam a um questionário com dez questões (em anexo). A seguir, reproduziremos suas respostas na íntegra.

A primeira pergunta feita às professoras foi: “Ao pensar em maneiras de incentivar a leitura em sala de aula, usar a tecnologia é algo que acha válido Por quê?”

P1: “Através da tecnologia que temos hoje em nossas salas, podemos utilizar esses recursos para mostrar histórias, figuras e acessar a internet. Tudo isso chama a atenção dos alunos, provocando curiosidade e interesse pela prática da leitura, importante para o enriquecimento pessoal”.

P2: “Acho de grande valia sim, pois faz com que os alunos participem mais da aula.”

A partir destas respostas, verifica-se a conformidade com o que diz Neitzel *et al*, “o computador pode apresentar-se mais atrativo em alguns aspectos, principalmente para o jovem de hoje que possui um perfil diferente do jovem do século passado” (2013, p.5). Tendo a presença do computador ou outra tecnologia em sala, o aluno ficará mais curioso, pois se trata de algo novo, dentro da sala de aula, tendo em vista que tais recursos, este já utiliza em casa. O que sugere P1 é que quando o educando tem acesso ao mundo da leitura, seja por meio do livro físico, ou através do mundo eletrônico, terá maiores garantias de sucesso no aprendizado, instigando assim o imaginário. Para a realidade da escola em questão, essa afirmação torna-se viável, pois a tecnologia é de fácil acesso, presente em todas as salas de aula.

A segunda pergunta foi: “Qual papel tem o professor no incentivo à leitura?”

P1: “O professor deve sempre ser um incentivador, provocando curiosidade nos alunos, indicando bons livros, comentando sobre alguns, com o objetivo de fazer com que o aluno busque e leia.”

P2: “O professor deve agir como mediador, auxiliando o aluno sempre que precisar.”

O que afirma P2 é que o professor deve ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem, mostrando que também está envolvido na leitura, ou seja, que também lê e não cobra simplesmente porque deve e precisa cobrar: a exigência passa a ser algo tão sutil que o aluno nem a nota. Incoscientemente, o educando, desse modo, estará envolvido com o texto, graças a um mediador preocupado no incentivo. É o que afirma Basso:

Neste jogo dialético, o leitor estabelece seu percurso, sem se distanciar do texto, procurando estar imerso no texto e sempre além do texto. Quanto maior o envolvimento, mais o texto está presente no leitor e, mais o leitor, presente no texto. Este é o momento decisivo da leitura (BASSO, et al, 2008, p.5).

Na questão seguinte foram questionadas: “Já indicou ou usou recursos multimídia em sala de aula? Como isso ocorreu?”

P1: “Sim, os alunos ficam encantados, e isso desperta o interesse dos mesmos. Utilizei a lousa, computador e internet, onde trouxe para a sala histórias e contos.”

P2: “Já utilizei, durante as aulas ministradas, com alguns problemas devido ao fato da escola ser um tanto quanto precária para esse uso, o que trouxe empecilhos para desenvolver as aulas e passar o conteúdo desejado.”

Com duas afirmações tão diferentes, pode-se perceber que o sucesso da tecnologia em sala dependerá da estrutura da escola, do profissional que a irá utilizar, não somente um, nem outro fator, pois ambos se complementam. Moran discorre sobre essa questão:

As tecnologias chegaram na escola, mas estas sempre privilegiaram mais o controle a modernização da infraestrutura e a gestão do que a mudança. Os programas de gestão administrativa estão mais desenvolvidos do que os voltados à aprendizagem. Há avanços na virtualização da aprendizagem, mas só conseguem arranhar superficialmente a estrutura pesada em que estão estruturados os vários níveis de ensino (MORAN, 2008).

O que se sabe, de modo geral, é que as tecnologias chegaram a todas as escolas. No entanto, estão principalmente ligadas aos programas para digitar notas (não há mais o diário escrito à mão), e o conteúdo, antes colocado em folhas, hoje pode ser digitado diretamente em um programa que a escola possui. Boletins são impressos diretamente desses programas, os dados dos alunos são todos digitados e arquivados nos computadores, e o papel é algo

raro, estando presente de maneira cada vez mais reduzida. Quando o assunto, porém, é o desenvolvimento da aprendizagem, a tecnologia vem a passos lentos em alguns lugares, como é percebido na escola da professora P2, a qual teve dificuldades para o acesso à tecnologia. Existe realmente o universo digital na questão da virtualização dos conteúdos, como é o caso da P1, que enfatiza o que utilizou sem relatar maiores problemas.

A quarta pergunta foi: “Como apresenta a leitura ao seu aluno? Que atividade desenvolve para trabalhá-la em sala de aula? Utiliza algum recurso tecnológico?”

P1: “Apresento a leitura como uma das principais ferramentas para serem utilizadas para a vida toda, pois lendo, saberemos dialogar melhor, interpretar melhor e escrever melhor. Atividades: pesquisa no laboratório de informática com base em assuntos trabalhados em sala, como bibliografia de algum inventor, curiosidades... Sim, utilizo computadores e internet.”

P2: “Através da leitura de textos em geral, muitas vezes peço para que contem o que leram. Levo textos como parábolas, contos, fábulas e peço que leiam, também para que produzam e leiam para os colegas o que produziram. Peço que pesquisem uma leitura interessante e tragam para ler em sala, essa pesquisa os educandos fazem em casa devido à dificuldade de acesso à internet na escola.”

Verifica-se, novamente, duas realidades opostas: P1 utiliza os recursos ofertados pela escola para realização das atividades; P2 também faz uso das tecnologias, mas não a oferecida pela escola, mas sim a que os educandos possuem em casa ou em *lan houses*. Dizer qual das realidades terá mais sucesso é impossível, pois estão ligadas a inúmeros outros fatores, dos quais não trata este artigo. O que é relevante é se há ou não a disponibilização do recurso, e que isso pode trazer alguns problemas, tendo em vista que a tecnologia faz parte de tudo que vemos, fazemos ou utilizamos.

Silva (2005) aponta que: “Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo a exclusão social ou a exclusão da cibercultura.” Essa exclusão ocorre pelo fato de toda essa tecnologia estar em todos os lugares, nas interfaces dos terminais bancários, nos telefones celulares, nos eletrodomésticos, enfim, praticamente em tudo que é feito nos dias de hoje, não importando a classe social, o tamanho da cidade, da escola, da empresa, da família... Atualmente torna-se inviável, ou pouco eficaz uma pessoa trabalhar, na maioria dos casos, sem conhecimento prévio em informática, pelo menos o básico. O que ocorre com escolas que não apostam o mínimo em novas tecnologias é a exclusão de seus alunos para com a sociedade como um todo.

Na pergunta: “Ao optar pelo uso das novas tecnologias, houve maior participação e/ou interesse por parte dos educandos?”

P1: “Sempre que utilizo, eles ficam mais curiosos, e participam mais e com mais interesse.”

P2: “Sim, quando se trata de utilizar os recursos, o interesse é maior.”

Em suas respostas, as professoras corroboram com o que afirma Ferreiro *apud* Carneiro:

Graças às Novas Tecnologias, talvez seja mais fácil introduzir a criança à cultura letrada. As Novas Tecnologias são muito poderosas e não tem sentido perguntar se são boas ou más, se servem ou não. A cada dia há mais escolas conectadas em rede, tudo indica que o acesso à Internet vai se proliferar como aconteceu com o celular (FERREIRO, 2008, *apud* Carneiro, 2013).

Como ambas as professoras afirmam e também Ferreiro, ao se utilizar as novas tecnologias, ficará mais fácil de introduzir o aluno ao mundo da leitura, pois este irá se identificar com o moderno, o diferente, algo que encanta nossas crianças, adolescentes e por que não os adultos. A formação para a leitura ocorre, deste modo, por um viés duplo: um é a leitura das tecnologias e suas interfaces digitais, outro é a leitura de textos, livros, e os diversos gêneros literários disponibilizados em formato midiático.

Na pergunta: “Quanta tecnologia concorda ser ideal com os alunos? Há uma quantidade ou um limite para trabalhá-la?”

P1: “Penso que a tecnologia é um recurso muito importante para nossos alunos, mas deve ser utilizada com moderação e não esquecendo que antes de nossos alunos saberem lidar com tecnologia, eles precisam saber ler e escrever, para assim as tecnologias auxiliarem na aprendizagem.”

P2: “É ideal, pois facilita o trabalho no sentido de que saem trabalhos diferentes. Trabalha-se no tempo necessário para que se desenvolvam as atividades, mas sempre com atenção para que as tecnologias não sejam a única ferramenta em sala.”

Ambas as professoras tiveram respostas semelhantes, mas compartilham de ideias/conceitos diferentes. P1 enfatiza mais a questão do problema oriundo do uso extremo de tecnologia em sala em detrimento da formação básica para o letramento e a alfabetização. P2 também enfatiza que se o educador apostar unicamente nas ferramentas tecnológicas poderá ter problemas futuros, como aponta P1, que o educando pode não desenvolver o ato de escrever, sem que utilize internet, ou um corretor ortográfico. Vê-se, portanto, um dilema: quando começar a usar as tecnologias, e qual a sua frequência? Moran aponta que:

O estar no virtual não é garantia de qualidade (esse é um problema que dificulta a escolha), mas amplia imensamente as condições de aprender, de acesso, de intercâmbio, de atualização. Tanta informação dá trabalho e nos deixa ansiosos e confusos. (MORAN, 2008)”.

Como Moran destaca, estar no virtual não é certeza do sucesso do aprendizado, e mesmo do gosto pela leitura, ficando a encargo do educador o papel que as tecnologias irão desempenhar em sala. Simplesmente inserir a internet, computadores em uma escola e achar que o sucesso é certo, é algo que, obviamente, não acontece, pois estamos envolvidos com seres humanos, que precisam dos estímulos corretos, nos momentos corretos e de um norte, para assim tornarem-se leitores assíduos, que o fazem por gosto e interesse, e não como reprodutores de atividades propostas em sala de aula. Além do que, não adianta trazer as novas tecnologias sem relacioná-las com o conteúdo, ou seja, sem trabalhar diretamente com o gênero abordado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Ao se findar esta pesquisa e sua análise, a conclusão a que se chega é a de que o uso das novas tecnologias é profícua se for bem utilizada, ou seja, aliando o material didático ao conteúdo abordado com ela. Não somente as inserindo sem que haja um propósito. Ao conhecer realidades tão distintas como as apresentadas, vemos que as tecnologias são possíveis em diversas realidades, pois atualmente grande parte dos educandos têm acesso a computadores, celulares modernos, tablets, entre outros. Contrastando o fato de que faltam roupas, alimentos e um lugar apropriado para morar muitos dos alunos, o acesso às novas tecnologias é facilitado para todos.

Pensando nisso tudo, vemos, pela opinião das professoras pesquisadas que inserir as novas tecnologias pode sim ser um sucesso, mas tudo deve ser pensado, analisado e feito para que a escola como um todo, começando pelos professores, esteja preparada para tal novidade. Há sim que se ter a estrutura, mas muito mais importante é ter pessoal capacitado para trabalhar com ela. Ao simplesmente se adicionar a modernidade à escola não se terá garantia de sucesso. O sucesso virá somente com a ação conjunta e organizada entre alunos, professor e a escola, cada qual fazendo seu papel.

Por fim, vemos que o material didático precisa estar de acordo com a realidade da escola, ou seja, um material que disponibilize *links* de acesso a conteúdos multimídias, pois caso contrário, será pouco eficaz como também frustrante para aluno e o professor. Por outro ângulo, um material rico em conteúdos multimídias em uma escola desprovida de estrutura é igualmente ineficaz. Ou seja, para que haja sucesso em leitura, no processo de aprendizagem em Língua Portuguesa não há uma fórmula mágica, mas há pontos que devem ser seguidos: boa estrutura, internet de qualidade, manutenção constante, material didático que condiga com a realidade da escola e das novas tecnologias, profissional preparado para o manejo das tecnologias, porém com formação docente suficientemente ampla para propor atividades estratégicas quando ocorrem problemas, como falta de luz, e falta de acesso à internet.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O prazer da leitura.** Disponível em: <<http://pagina-de-vida.blogspot.com.br/2007/05/o-prazer-da-leitura-rubem-alves.html>.> Acesso no dia: 04 de novembro de 2014.

BASSO, Ilda, ROCHA, José Carlos, ESQUEDA, Marileide Dias. **II Simpósio internacional de educação Linguagens educativas: Perspectivas interdisciplinares na atualidade.** Disponível no endereço: http://www.usc.br/biblioteca/pdf/sie_2008_letr_arti_a_leitura_e_o_leitor.pdf. Acesso no dia: 20 de maio de 2015.

CARNEIRO, Luciana Apolonio Rodrigues. **A Tecnologia como um elemento de estímulo à leitura.** Disponível em: <http://dependenciatecnologicaeducacao.blogspot.com.br/2013_05_01_archive.html>. Acesso no dia: 30 de outubro de 2014.

EDUCAÇÃO, Globo. **Novas tecnologias já estão mudando radicalmente o ambiente escolar.** <<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2013/06/novas-tecnologias-ja-estao-mudando-radicalmente-o-ambiente-escolar.html>>. Acesso no dia 06 de novembro de 2014.

MORAN, José M. **A integração das tecnologias na educação.** Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/integracao.pdf>. Acesso no dia 30 de outubro de 2014.

NEITZEL, Adair de Aguiar. **O texto literário digital: experiências de leitura na educação Básica.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2013v9n2p52/26050>> Acesso no dia: 05 de novembro de 2014.

Fontes de Pesquisa

Principais grupos de pesquisa no tema no Brasil:

<<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2548846721654912>>. Acesso no dia 05 de novembro de 2014.

Principais congressos no tema: <http://cetic.ufp.pt/>. Acesso no dia 04 de novembro de 2014

Principais periódicos/revistas para potencial publicação:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2013v9n2p52/26050>.

Dissertações já defendidas, correlatas ao se tema:

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/6376/linguagens-as-tecnologias-de-comunicacao-e-informacao-na-escola#!2>

ANEXO:**QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS ENTREVISTADAS:**

- 1) A quanto tempo leciona? Nome da Escola, cidade, bairro. Liste abaixo quais recursos tecnológicos sua escola disponibiliza.
- 2) A educação passou por inúmeras evoluções no campo tecnológico. O que considera a maior?
- 3) Ao pensar em maneiras de incentivar a leitura em sala de aula, usar a tecnologia é algo que acha válido? Por quê?
- 4) Já indicou ou usou recursos multimídia em sala de aula? Como isso ocorreu?
- 5) Qual papel tem o professor no incentivo à leitura?
- 6) Como apresenta a leitura ao seu aluno? Que atividade desenvolve para trabalhá-la em sala de aula? Utiliza algum recurso tecnológico?
- 7) Há em sua escola algum projeto de incentivo à leitura? Como ele acontece?
- 8) Cite uma experiência que a frustrou, no quesito leitura, em sala de aula.
- 9) Ao optar pelo uso das novas tecnologias, houve maior participação e/ou interesse por parte dos educandos?
- 10) Quanta tecnologia concorda ser ideal com os alunos? Há uma quantidade ou um limite para trabalhá-la?